

## Mestrado Integrado em Arquitetura

### Unidades Curriculares: Laboratório de Projeto IV e Laboratório Projeto V

Docente: Daniel Santos de Jesus

#### Tema e questões (abertas) para o ano letivo 2018/2019:

### “A Cidade do Vício – ou a Arquitetura e o Povo, na Trafaria”

Por pressão conjunta do desenvolvimento turístico urbano e do *laissez faire* (des)económico global que vem pautando o “mercado imobiliário” em Lisboa, a cidade histórica não deixou de se regenerar e higienizar. No reverso de ambos os termos de aparência benevolente – regeneração e higiene – encontraremos processos de exclusão e expulsão contingente de antigos habitantes (socialmente envelhecidos e/ou economicamente desfavorecidos) do centro da cidade, a favor de novas formas (limpas) de colonização económica.

A coberto de um hipotético e pressuposto “direito à cidade” – extensível aos residentes permanentes e eventuais – a produção contingente das arquitecturas representa ainda uma escolha, ou torna-se “mera fatalidade”? (vd. Leon Krier).

Ora, considerado que a potencialidade económica decide como e onde se pode viver, resta ao “Povo” resistir (subsistir?) através de uma ocupação lícita ou ilícita marginal a esta escolha, apropriando-se de lugares residuais ou de centralidades pretéritas entretanto votadas a um certo abandono.

É nesse sentido que se imagina a margem sul do Tejo e o intervalo particular que se distende da Trafaria à Cova do Vapor, enquanto pretexto e suporte para uma investigação arquitectónica produzida à margem da normativa imposta pelas “circunstâncias presentes”, ou seja, essas que se limitam a materializar como arquitectura um sentido estrito da realidade.

Como pode a arquitectura – isto é, como podem os arquitectos – contrariar o vício intrínseco que os vocaciona a responder “profissionalmente” aos desígnios do poder (que num contexto de liberalismo económico, trata de sublimar as solicitações do mercado), e ao invés, responder à vocação utópica e política que imagina o acesso à habitação como um direito (mais do que como uma mercadoria), e o elege a espaços como desígnio irreprimível? Será equivalente trabalhar o projecto a partir de um “sentido da realidade” ou de um “sentido de possibilidade”? E se tal empresa não for equiparável, que implicação terá na disponibilidade e na capacitação dos recursos instrumentais que historicamente materializam (profissional e academicamente) a actividade do Projecto?

1º Semestre:

Trabalho de grupo (1ª.fase) e individual (2ª.fase): Será promovida e desenvolvida em grupo uma revisão crítica sobre a dimensão instrumental associada ao “projecto”, elegendo-se como ponto de partida simultâneo o lugar em estudo e uma contextualização ideológica (sempre omissa) da experiência de produção de habitação colectiva realizada pelos alunos no 3º.ano – e a partir da qual se capacitaram na conclusão do primeiro ciclo de estudos. Este trabalho colectivo deverá culminar com a apresentação de um caderno de encargos/programa de trabalhos, a partir do qual cada aluno deverá eleger uma saída individual de projecto.

À luz da proposição veiculada não fará sentido definir *a priori* uma predefinição da natureza, escala ou sentido do trabalho/tema individual a adoptar, ou sequer um

desenvolvimento morfo-tipológico específico, mas em registo provocatório não deixam de se elencar um domínio de possibilidades:

a) (Projecto para) o *Arranha-céus Proletário da Trafaria* (referido à ficção homónima de J.G.Ballard), um ensaio fenomenológico sobre a virilidade da arquitectura, quer se trate de obra nova ou resulte da apropriação de um suporte pré-determinado;

b) (Projecto para a) figuração do *road movie* balnear *Fuga para o Sul* e o estudo da tipologia do motel de beira da estrada como alternativa à formulação histórica do lazer colectivo figurado pela FNAT (Federação Nacional para a Alegria no Trabalho e os campos de férias disciplinares para benefício do proletariado);

c) (Estudo para o) aprofundamento da relação entre *A Esfera* (referida ao polo universitário da Caparica) e *O Labirinto* (do vício, referido ao potencial souk da Trafaria) – de acordo com a formulação de Manfredo Tafuri de uma oposição constituinte de uma futura cidade diferencial (e por isso, inclusiva);

d) *Aqui Podia Morar Gente* intitularia a constituição de um guião estratégico para a apropriação popular e reabilitação material de património habitacional devoluto na Trafaria;

e) (Estudo de) lugares intersticiais e a imaginação da infraestrutura de suporte para uma nova *Vida no Campo* – segundo a formulação de Álvaro Domingues;

f) Os *Barcos do Amor* nomearia a proposta para a reconfiguração da linha de costa, enquanto abrigo temporário (ou definitivo) para barcos semi-residenciais (cujo casco não seja branco);

g) Estudo de uma arquitectura espontânea e auto-produzida na *Cova do Vapor*, onde cada casa parece resultar do estranho propósito de “fazer mais com mais” – por contraponto evidente com o minimalismo convencional destilado pela alta cultura corporativa dos especialistas;

h) *Todos os Outros*, não expressos acima...

2º.Semestre:

A partir das diligências realizadas e das hipóteses de trabalho descobertas em comum no primeiro semestre, será definido pelo docente um plano de trabalhos específico, generalizável a todos os alunos inscritos na turma, cuja complexidade será adequada ao nível de problematização requerida por um segundo ciclo de estudos.

Aponta-se para que a experiência operativa possa tornar mais claro o domínio das relações de poder expressas através da arquitectura, nomeadamente no duplo (e paradoxal) sentido da Possibilidade e da Implementação – em contexto dito democrático.

Trafaria (margem-sul), 26 de Julho de 2018